

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPeSTRe: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências



O enquadramento TAPeSTRe: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

The TAPeSTRe framework: equalising an uneven global knowledge base to inform relevant, responsible and responsive evidence-based education policy and practice

El marco TAPeSTRe: igualar una base de conocimiento global desigual para informar políticas y prácticas educativas relevantes, responsables y reactivas basadas en evidencia.

Liesel Ebersöhn¹
P. Karen Murphy²
Liz-Marié Basson³

Citação: EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPeSTRe: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 18, e96061T. Dezembro, 2024.



<http://10.5380/jpe.v17i0.96061T>

Resumo: A base de conhecimento global que informa políticas e práticas educacionais é enviesada – privilegiando evidências do Norte Global e lentes eurocêntricas. Consequentemente, as políticas e as práticas educativas em espaços globalmente marginalizados (seja do Sul Global, dos países BRICS ou de outros espaços pós-coloniais, de países de baixa e média renda ou de economias emergentes) não são necessariamente responsáveis ao basear-se em evidências irrelevantes para recursos e desafios socioculturais e contextuais específicos. Uma das razões possíveis para o desnível no continuum do

¹ Doutora em Psicologia Educacional. Professora na Universidade de Pretoria. Pretoria. África do Sul Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2616-4973>. E-mail: liesel.ebersohn@up.ac.za

² Doutora em Psicologia Educacional. Professora na Universidade Estatal da Pennsylvania. Pennsylvania, Estados Unidos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8872-0376>. Email: pkm15@psu.edu

³ Doutora em Psicologia Educacional. Doutora Universidade de Pretoria Pretoria. África do Sul Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2621-9647>. E-mail: lizmarie.basson@gmail.com

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPESTRé: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

conhecimento baseia-se numa limitada comunicação da qualidade dos estudos provenientes de espaços globalmente marginalizados. As métricas para avaliar a qualidade da investigação e, por conseguinte, o mérito para publicação, também têm origem no Norte Global. Neste artigo, o quadro TAPESTRé é proposto como um instrumento para planejar e avaliar a qualidade dos estudos provenientes desses espaços de conhecimento sub-representados – TAPESTRé: pesquisa Transformadora e emancipatória; justiça do Agente; investigação Participativa; lugar Êmico; espaço (geopolítico); critérios de fiabilidade; e resultados de Resiliência. O quadro TAPESTRé fornece um instrumento conceitual de avaliação para planejar, relatar e avaliar a comunicação científica a partir de estudos qualitativos, em espaços de conhecimento sub-representados, como forma de equilibrar a base de evidências desiguais e global que informa políticas e práticas educacionais.

Palavras-chave: Pesquisa transformadora e emancipatória; Justiça do agente; Investigação participativa; MMAT; TIDieR.

Abstract: The global knowledge base, which informs education policy and practice, is skewed – privileging evidence from the Global North and Eurocentric lenses. Consequently, education policy and practices in globally marginalised spaces (be it from the Global South, BRICS-nations or other postcolonial, low- and middle-income countries, emerging economy spaces) are not necessarily responsible and responsive – drawing on evidence irrelevant to specific socio-cultural and contextual resources and challenges. One reason put forward for the unevenness in the knowledge continuum, is based on a view of limitations in the reporting of quality of studies from globally marginalised spaces. Metrics to evaluate the quality of research and thus merit for publication, also originates in the Global North. In this article the TAPESTRé framework is proposed as an instrument to plan for and evaluate the quality of studies from these underrepresented knowledge spaces – TAPESTRé: Transformative, emancipatory research; agentic justice; participatory research; emic place; geopolitical space; trustworthiness criteria; resilience outcomes. The TAPESTRé framework provides a complimentary framework to use as quality appraisal tool to design, report and evaluate reporting on studies in underrepresented knowledge spaces as a means to mitigate the unequal, global evidence-base which informs education policy and practice.

Keywords: Transformative, emancipatory research; Agentic justice; Participatory research; MMAT; TIDIER.

Resumen: La base de conocimiento global, que informa la política y la práctica educativas, está sesgada, privilegiando la evidencia proveniente del Norte Global y de perspectivas eurocéntricas. En consecuencia, la política y las prácticas educativas en espacios globalmente marginados (ya sea del Sur Global, las naciones BRICS u otros países poscoloniales, de ingresos bajos y medios, espacios de economías emergentes) no son necesariamente responsables ni receptivas, y se basan en evidencia irrelevante para recursos y desafíos socioculturales y contextuales específicos. Una razón presentada para la desigualdad en el continuo de conocimiento se basa en una visión de las limitaciones en la presentación de informes sobre la calidad de los estudios de espacios globalmente marginados. Las métricas para evaluar la calidad de la investigación y, por lo tanto, el mérito para la publicación, también se originan en el Norte Global. En este artículo, se propone el marco TAPESTRé como un instrumento para planificar y evaluar la calidad de los estudios de estos espacios de conocimiento subrepresentados: TAPESTRé: investigación transformadora y emancipadora; justicia agente; investigación participativa; lugar émico; espacio geopolítico; criterios de confiabilidad; resultados de resiliencia. El marco TAPESTRé ofrece un marco complementario que se puede utilizar como herramienta de evaluación de la calidad para diseñar, informar y evaluar informes sobre estudios en espacios de conocimiento subrepresentados como un medio para mitigar la base de evidencia global desigual que informa las políticas y prácticas educativas.

Palabras clave: Investigación transformadora y emancipadora; Justicia agente; Investigación participativa; MMAT; TIDIER.

Introdução

A tapeçaria Keiskamma de 120 metros exibida no Constitution Hill, sede do Tribunal Constitucional da África do Sul, convoca nossa atenção (SCHMAHMANN, 2016). Criada por mulheres da província sul-africana do Cabo Oriental, é uma das muitas obras

do Projeto de Arte Keiskamma. Os materiais e as técnicas tiram partido de exemplos de esforços semelhantes de artesãos ancestrais e modernos do mundo todo. A peça foi criada para documentar os 100 anos de guerras anticoloniais contra o império britânico na região – a história da colonização do povo Xhosa nessa província. As tapeçarias do projeto são representações complexas e de múltiplas camadas de narrativas sobre comunidades locais superando desafios. São emolduradas em torno de ditados da língua isiXhosa, como *Umaf' evuka, nje ngenyanga* (Morrendo e nascendo, como faz a lua). O documento das criações, por exemplo, retrata a tristeza e a revolta de uma geração perdida de pais, na qual as avós assumem o papel de cuidadoras primárias após a pandemia de HIV e AIDS. Registra o choque, a dificuldade e a reunificação final das pessoas enfrentando o isolamento e o medo diante das restrições da Covid-19. Outras tapeçarias apresentam uma agência coletiva para garantir os direitos das mulheres, a democracia e a justiça social. A coleção de tapeçarias mostra, de forma vívida, o valor de recursos socioculturais, como a espiritualidade, a esperança, a música e os relacionamentos, para absorver e se adaptar a problemas crônicos e agudos. As tapeçarias retratam a centralidade da vida animal, vegetal, natural e agrícola como recursos relevantes e disponíveis que gerações de habitantes do Cabo Oriental mobilizaram para transformar suas experiências difíceis em vidas satisfatórias e notáveis.

A observação de uma tapeçaria criada de forma igualitária, retratando experiências autênticas, é transformadora. Cada cor, fio, imagem singular e coletiva ilumina uma justiça repleta de agência – não se submeter passivamente e aceitar desafios e injustiças, mas se envolver, se adaptar e confrontar adversidades. A criação participativa de uma tapeçaria é resultado da colaboração e cocriação de uma nova obra-prima que reflete experiências socioculturais e contextuais únicas. O conteúdo e a narrativa das tapeçarias são representativos de entendimentos e opiniões de pessoas inseridas naqueles contextos, de valores, crenças e práticas intergeracionais que respondem aos desafios e recursos de um determinado espaço. A identidade, as tensões e aspirações capturadas e transmitidas nas tapeçarias são representativas do país-espaço em que elas se originam. A qualidade do método, dos materiais e dos criadores contribui para a credibilidade da tapeçaria como representação confiável de um fenômeno. Além disso, a tapeçaria mantém-se provocativa ao mostrar como, de forma inesperada, os criadores

transmitem evidências de como “um bom final de vida” é possível, apesar dos desafios constantes e assustadores, geração após geração.

Evidências imparciais e de alta qualidade aperfeiçoam decisões políticas e práticas que permitem resultados educacionais positivos e servem como justificativa para tomadores de decisão obterem financiamento e distribuam recursos de forma efetiva e eficaz (EDDY-SPICER et al., 2016; SNILSTVEIT et al., 2016). No entanto, certos espaços internacionais (incluindo o Sul Global, as nações BRICS e outros contextos de economias emergentes pós-coloniais) estão sub-representados na base de conhecimento global (GALPERIN et al., 2022) – limitando o alcance, a representatividade e a relevância das evidências nas quais acadêmicos, em espaços geopolíticos marginalizados, podem se basear para informar políticas. Como consequência, políticas e práticas educacionais em espaços globalmente marginalizados não são necessariamente responsáveis – baseando-se em evidências irrelevantes para recursos e desafios socioculturais e contextuais específicos.

As evidências publicadas a partir do Sul Global, por exemplo, seguem marginalizadas, pois os critérios para medir a qualidade dos estudos são frequentemente baseados em abordagens universalizantes e padronizadas do Norte Global, que não consideram os contextos sociais e culturais singulares do Sul (GALPERIN et al., 2022). Como resultado, pesquisas publicadas em países de baixa e média renda (PBMR) são frequentemente consideradas de baixa qualidade e, portanto, excluídas em revisões, ou então a elas são atribuídas uma relevância menor (KARURI et al., 2014; MULIMANI, 2019; MURUNGA et al., 2020). O último ressalta a necessidade profunda de abordar as lentes usadas para medir a qualidade da pesquisa de intervenção no Sul Global.

Neste artigo, apresentamos o enquadramento TAPESTRe (pesquisa Transformadora e emancipatória; justiça do Agente; abordagem Participativa; pesquisa Êmica e sensível ao lugar; Espaço (geopolítico); critérios de fiabilidade e evidências de Resiliência) para planejar e avaliar pesquisas de qualidade de espaços globais que seguem sendo excluídos das principais publicações revisadas por pares. Argumentamos que uma métrica complementar é necessária para determinar o valor dos estudos quando a história, o contexto e a cultura da geração de conhecimento são significativamente diferentes daqueles de um Norte Global hegemônico e de uma lente eurocêntrica.

A motivação para a criação do TAPESTRe decorre da consideração de algumas questões: qual conhecimento pode ser trazido à tona quando o parâmetro para pesquisa de qualidade dá precedência à ciência responsável e responsiva, tendo em vista imperativos contextuais e culturais? Como acadêmicos oriundos de contextos com experiência vivida de desigualdade e injustiça abordam a pesquisa e avaliam o valor dos processos e evidências da pesquisa educacional? O que é ciência responsiva quando alunos chegam à escola com fome; as escolas têm eletricidade esporádica, saneamento precário e água não potável; e os que concluem a escola estão mal preparados para a empregabilidade, por conta das oportunidades limitadas de trabalho e desemprego elevado? O que é ciência responsável quando a disparidade estrutural segue impedindo que a maioria dos professores, alunos e famílias usem sua língua materna para aprender, governar, brincar e desenvolver currículos? Quais são as questões de pesquisa que os acadêmicos fazem nesse contexto? Quais pessoas estão incluídas em estudos para gerar conhecimento sobre mudanças que podem não apenas transformar estruturas, mas também sustentar transformações? Quais metodologias moldam espaços para compartilhar contranarrativas de conhecimento intergeracional sobre equidade e mudança sistêmica?

Um campo de jogo de conhecimento desigual – em direção à justiça cognitiva

É irônico que espaços de economias emergentes (como os do Sul Global e dos países BRICS), que, sem dúvida, têm mais necessidade de evidências para fundamentar seus desenvolvimentos – devido à extrema disparidade e à desigualdade estrutural –, sejam o espaço de conhecimento que segue sub-representado nos discursos globais. A esse respeito, uma revisão de Eddy-Spicer et al. (2016) observa uma escassez de estudos primários de alta qualidade, em países de baixa e média renda, sobre avaliações de responsabilização branda. De modo similar, Petrosino et al. (2012) revisaram a melhoria das matrículas escolares em países de baixa e média renda, mas descobriram que os relatórios metodológicos dos estudos primários eram fracos, limitando a qualidade de suas contribuições e a precisão de seus resultados (EDDY-SPICER et al., 2016).

Métricas são usadas para garantir que apenas estudos de alta qualidade sejam publicados ou incluídos em revisões, e os estudos avaliados como de “baixa qualidade” são frequentemente excluídos (KRISTJANSSON et al., 2010; MASINO; NIÑO-ZARAZÚA,

2016). No entanto, as métricas usadas para avaliar a qualidade da publicação de estudos, ou da inclusão de publicações em, digamos, revisões sistemáticas, seguem fundadas nas tradições de epistemologias, pautas e práticas dominantes do Norte Global e do Ocidente sobre o que constitui “qualidade” em pesquisas. Os países de baixa e média renda lutam para posicionar a qualidade de seus estudos conforme os padrões de qualidade de pesquisa científica criados e amplamente aceitos pelo Norte Global (KARURI et al., 2014; MURUNGA et al., 2020).

Marcos estabelecidos para avaliar a qualidade dos estudos excluem, em grande parte, a diversidade política, cultural e contextual. Nos últimos anos, a partir de uma postura de justiça cognitiva e democratização da pesquisa, houve uma mudança em direção à decolonização, de modo que o conhecimento produzido em espaços sub-representados possa contribuir para discussões globais sobre, por exemplo, resultados do desenvolvimento infantil. Independentemente da posição geográfica da geração de conhecimento, costuma ser difícil para autores que escrevem artigos ou relatórios decidirem como preparar seus manuscritos para submissão. Isso também vale para editores de periódicos e revisores, que geralmente têm dúvidas sobre como devem avaliar os relatórios. Não faz sentido, por exemplo, exigir que a pesquisa qualitativa (contextualmente limitada) siga o mesmo estilo de relato da pesquisa quantitativa, ou que uma pesquisa de métodos mistos (com uma multiplicidade de tradições, métodos e objetivos) seja revisada da mesma forma que a pesquisa qualitativa (LEVITT et al., 2018).

Avaliando a qualidade de pesquisas através de uma lente do Norte Global

Um dos motivos apontados para a desigualdade no continuum do conhecimento baseia-se em uma visão de limitações na divulgação da qualidade dos estudos oriundos de espaços globalmente marginalizados (seja do Sul Global, dos países BRICS ou de outros espaços pós-coloniais de economia emergente). As métricas de avaliação da qualidade de pesquisas têm origem no Norte Global. A qualidade dos estudos incluídos nas revisões é geralmente avaliada usando sistemas de classificação padronizados (KIM et al., 2020). Tais sistemas geralmente avaliam fatores como desenho do estudo, tamanho da amostra e métodos de coleta de dados (PETROSINO et al., 2012).

Nesta seção, abordamos o caso da avaliação da qualidade de publicações de educação qualitativa, em uma revisão sistemática para ressaltar dois sistemas de

classificação oriundos do Norte Global frequentemente usados internacionalmente para avaliar a qualidade da intervenção. Descrevemos a Ferramenta de Avaliação de Métodos Mistos (MMAT) (HONG et al., 2018) e o Modelo para Descrição e Replicação de Intervenção (TIDieR) (HOFFMANN et al., 2014; WALSH et al., 2017). Enquanto a MMAT tem como foco a qualidade metodológica, a lista de verificação TIDieR auxilia na avaliação da qualidade dos relatórios de estudos de intervenção.

Conforme descrito na Tabela 1, a MMAT indica áreas-chave para avaliar estudos qualitativos que podem orientar pesquisadores para aperfeiçoar relatórios metodológicos e a avaliação da qualidade dos estudos (HONG et al., 2018).

Quadro 1 - Ferramenta de Avaliação de Métodos Mistos (MMAT)

Critério	Explicação
Evidências de questões de pesquisa precisas e claras.	Estabelece explicitamente a questão da pesquisa.
A abordagem qualitativa atende às necessidades da questão da pesquisa?	O problema e a questão da pesquisa devem ser apropriados para a metodologia qualitativa do estudo. Por exemplo, ao usar uma abordagem de teoria fundamentada, o desenvolvimento de uma teoria deve ser abordado, e ao usar uma abordagem etnográfica, as culturas e sociedades humanas devem ser investigadas.
Técnicas de coleta de dados qualitativos podem ser usadas para responder à questão da pesquisa?	Coleta de dados e fontes de dados (como arquivos e documentos usados para responder à questão da pesquisa). Ao avaliar esse critério, considere se a metodologia de coleta de dados (como entrevistas, grupos focais, observações ou notas de campo) e o formato dos dados (como gravações de áudio e vídeo, diários de campo e fotos) são apropriados. Justificativas claras também devem ser fornecidas sempre que as técnicas de coleta de dados forem modificadas durante o estudo.
As conclusões obtidas a partir dos dados são precisas?	O método de análise de dados faz referência. A questão de pesquisa e a metodologia qualitativa influenciam diferentes técnicas de análise de dados (por exemplo, a teoria fundamentada frequentemente emprega codificação aberta, axial e seletiva, e estudos de caso frequentemente usam análise dentro e entre casos).
Os dados são suficientes para apoiar a interpretação dos resultados?	A interpretação dos resultados deve se fundamentar nos dados coletados. Por exemplo, as citações usadas para corroborar os temas devem ser adequadas.
As fontes, coleta, análise e interpretação dos dados qualitativos são coerentes?	Devem existir conexões claras entre as fontes de dados, coleta, análise e interpretação.

Fonte: Adaptado de Hong, Gonzalez-Reyes e Pluye (2018).

A lista de verificação TIDieR, destinada ao uso em desenhos de estudos avaliativos, foi desenvolvida para abordar a falta de relatórios sobre detalhes de intervenção em pesquisas de intervenção (HOFFMANN et al., 2014; WALSH et al., 2017). O objetivo da lista de verificação TIDieR é orientar os autores a fornecerem detalhes suficientes quando descrevem intervenções, de modo que outros possam facilmente replicar e entender as intervenções (HOFFMANN et al., 2014). A lista de 12 itens inclui nome breve, por que, o que (materiais e procedimentos), quem forneceu, como, onde, quando e quanto, modificações de adaptação etc.

A lista de verificação TIDieR também fornece diretrizes de fidelidade e escala. Em relação à primeira, a lista de verificação inclui itens como adaptação, modificações e nível de planejamento e efetividade, todos relacionados à fidelidade (HOFFMANN et al., 2014). Quanto à escalabilidade, a lista de verificação inclui itens como quantidade, adaptação e modificações, todos relacionados à escala para pesquisadores/leitores/revisores etc., visando entender se a intervenção pode ser ampliada ou reduzida conforme o contexto de implementação (HOFFMANN et al., 2014).

Os benefícios dos marcos de avaliação de qualidade usados em pesquisas são óbvios. No entanto, embora mantenham a qualidade, métricas padrão do Norte Global, como MMAT e TIDieR, também perpetuam a injustiça cognitiva. As características do espaço geopolítico e dos estudos de país-local nos contextos do Sul Global, pós-coloniais, de países de baixa e média renda, BRICS ou de economias emergentes denotam uma necessidade elevada de evidências que possam informar intervenções com impacto social para abordar injustiças terríveis, mas em um campo de jogo com escassez de recursos e financiamento. Dada a necessidade alarmante de evidências que possam fundamentar transformações sociais, juntamente com a escassez de financiamento para pesquisa, não surpreende que os estudos de países de baixa e média renda sejam avaliados como de “baixa qualidade”, com foco em estudos de pequena escala com resultados singulares e, no caso de estudos de intervenção educacional, em grande parte, a ausência dos chamados métodos padrão-ouro ou da viabilidade de ganhar escala (XU et al., 2020; BARRY et al., 2017).

O uso exclusivo de medidas de qualidade geradas pelo Norte Global posiciona a pesquisa – e, sem dúvida, os pesquisadores – de espaços de conhecimento marginalizados como “inferiores”, com necessidade de um esforço para estar à altura. Uma abordagem

alternativa é questionar o uso exclusivo de um padrão para medir a qualidade, considerando a qualidade em relação ao espaço e ao lugar em que um estudo ocorre. Da mesma forma que o local e o espaço são relevantes para decidir se uma intervenção pode ser replicada em outro lugar do mundo (EBERSÖHN; 2015), o espaço e o local também são importantes para determinar se o estudo foi conduzido de modo qualificado.

Na próxima seção, propomos um marco complementar como parâmetro para avaliar e relatar a qualidade de estudos de espaços de conhecimento marginalizados.

O enquadramento TAPESTRe para planejar e avaliar a investigação em espaços de conhecimento marginalizados

Nesta seção, propomos o enquadramento TAPESTRe para planejar e relatar pesquisas que sinalizem evidências de alta qualidade em contextos do Sul Global, pós-coloniais, de países de baixa e média renda ou BRICS e de economias emergentes. Vários pesquisadores (EBERSÖHN, 2014, 2015, 2019) defendem o uso das lentes do Sul Global e afrocentradas para gerar conhecimento e avaliar a qualidade de pesquisas, como ponto de partida para um conhecimento que possa informar a sustentabilidade.

O TAPESTRe proposto foi desenvolvido ao longo do tempo a partir da participação em pesquisas sobre educação e bem-estar na África Austral (EBERSÖHN, 2014, 2015, 2019A; EBERSÖHN; OMIDIRE; MURPHY, 2022) – África do Sul, Namíbia, Suazilândia e Lesoto. Esse enquadramento ressalta estudos que impulsionam metodologias diversas, conhecimento local, questões de justiça social, envolvimento com comunidades locais, pesquisa de qualidade e reconhecimento da capacidade de pesquisa do Sul Global para determinar qualidade em pesquisas de intervenção. O TAPESTRe oferece orientação para planejar, relatar e avaliar a qualidade de pesquisas com base no conhecimento de estudos transformadores e emancipatórias (FREIRE, 1970); justiça social a partir de uma lente de justiça do agente (SEN, 1999); abordagens participativas (CHAMBERS, 1997, 1998, 2014; SCHUBOTZ, 2020); perspectivas êmicas (BEALS; KIDMAN; FUNAKI, 2020; MAZONDE; CARMICHAEL, 2020); espaço geopolítico (EBERSÖHN, 2015); critérios de fiabilidade (SEALE, 1999); e resultados de resiliência (LUTHAR; CICCETTI; BECKER, 2000; MASTEN, 2001; UNGAR, 2011). A Tabela 2 apresenta o TAPESTRe com sete critérios de qualidade e indicadores concomitantes para mensurar a qualidade de pesquisas.

Quadro 2 – O enquadramento TAPESTRé

Conceitualização de propósito de pesquisa	Indicador de critério
Pesquisa transformadora e emancipatória (FREIRE, 1970; DENZIN, 2005)	
<p>O propósito da pesquisa visa uma mudança profunda e sistêmica para promover a justiça social por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • contribuição para um contexto de pesquisa inclusivo e equitativo; • envolvimento com comunidades marginalizadas; e • reconhecimento de diversas formas de conhecimento, privilegiando vozes marginalizadas. 	<p>Pesquisas de qualidade indicadas por evidências de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • resultados que refletem transformação sistêmica e vão além de mudanças superficiais; • desafio a estruturas, normas e sistemas de poder existentes; • envolvimento com causas profundas da desigualdade e injustiças sociais; e • uso estratégico do conhecimento para valores e ações democráticas – comunicação científica e pesquisa de transferência.
Justiça do agente (SEN, 1999).	
<p>O propósito da pesquisa é permitir a justiça social a partir de uma postura de justiça do agente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • privilegiando a agência de indivíduos e comunidades marginalizados para agirem em seu próprio interesse; • valorizando a liberdade das pessoas para escolher como usarão os recursos disponíveis para permitir resultados positivos; e • expandindo estruturas de oportunidades, fornecendo oportunidades e recursos que permitam que indivíduos participem ativamente nas esferas econômica, social e política. 	<p>Pesquisas de qualidade indicadas por evidências de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • reconhecimento de estruturas de oportunidades disponíveis; • respeito pelo conhecimento dos participantes sobre como agir de maneiras que lhes permitam viver uma vida que considerem valiosa; • estruturas de oportunidades expandidas (caminhos e recursos que permitam a participação ativa dos indivíduos); e • reconhecimento da liberdade das pessoas para escolher como usarão os recursos disponíveis que permitam resultados positivos, como redução da pobreza, melhoria da saúde e da educação e maior igualdade de gênero.
Pesquisa participativa (BERGOLD; THOMAS, 2012; BOUSSET, MACOMBE; TAVERNE, 2005; CHAMBERS, 2014, 1998, 1997; SCHUBOTZ, 2020; VAUGHN; JACQUEZ, 2020).	
<p>O propósito da pesquisa é encorajar a colaboração ativa com usuários finais que possam se beneficiar da pesquisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • colocando no centro as necessidades e os recursos sociais, culturais e contextuais singulares de quem é alvo da investigação; e • coproduzindo conhecimento, coprojetando e complementando intervenções. 	<p>Pesquisas de qualidade indicadas por evidências de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • privilégio de parcerias sistêmicas; • planos metodológicos que reconhecem o desequilíbrio de poder e permitam oportunidades iguais de engajamento; • mecanismos para tomadas de decisão compartilhadas, por meio de consulta e consenso; • oportunidades de coprodução; • uso de colaboração; e • estabelecimento e fomento de comunidades de prática de pesquisa.
Pesquisa êmica e sensível ao lugar (BEALS; KIDMAN; FUNAKI, 2020; MAZONDE; CARMICHAEL, 2020; EBERSÖHN, 2019; DEI, 2013).	

Conceitualização de propósito de pesquisa	Indicador de critério
<p>O propósito da pesquisa é permitir a justiça epistemológica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • valorizando como as pessoas em um determinado lugar percebem suas realidades, valores, crenças e cultura; • ressaltando perspectivas contextuais e culturais de quem está inserido nesses contextos; e • incluindo sistemas de conhecimento local (sistemas de conhecimento autóctones, conhecimento baseado em lugar). 	<p>Pesquisas de qualidade indicadas por evidências de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • medidas que previnam o fortalecimento de desigualdades de poder existentes, garantindo que as vozes marginalizadas sejam escutadas e amplificadas; • inclusão intencional de detentores de conhecimento sistêmico com visões inseridas nos contextos durante a criação do conhecimento; e • métodos que se baseiam na diversidade (linguística, epistemológica) como ativo para gerar evidências relevantes.
Espaço (geopolítico) (FIKSEL, 2006; GAVENTA, 2006; EBERSÖHN, 2015).	
<p>O propósito da pesquisa ressalta a necessidade de uma resposta coordenada e baseada em evidências de regiões interdependentes do mundo com igual voz e participação nas pautas globais de pesquisa por meio de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecimento (através de uma lente científica da sustentabilidade) que as nuances do desenvolvimento global e as histórias do colonialismo culminaram em desigualdade global de poder e conhecimento; e • destacando que o espaço do país e da região de um estudo importa para uma pesquisa de qualidade. 	<p>Pesquisas de qualidade indicadas por evidências de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • decisões metodológicas conscientes dos desafios e recursos do espaço; • investigadores de espaços de conhecimento marginalizados posicionados de modo central na investigação internacionalizada sobre desafios globais; e • estratégias de pesquisa inseridas em pautas científicas de sustentabilidade de “pensar globalmente, agir localmente”.
Critérios de confiabilidade (CYPRESS, 2017; GUBA; LINCOLN, 1994; LONG; JOHNSON, 2000; MERTENS, 2019; NOWELL; NORRIS; WHITE; MOULES, 2017; SEALE, 1999).	
<p>O propósito da pesquisa é salvaguardar o rigor, a transparência e a integridade ética:</p> <ul style="list-style-type: none"> • garantindo confirmabilidade, autenticidade, credibilidade, confiabilidade e transferibilidade do processo de pesquisa e dos resultados; • usando métodos de pesquisa confiáveis e válidos; • realizando coleta e análise sistemática de dados; • incluindo perspectivas e vozes diversas. 	<p>Pesquisa de qualidade indicada por evidências metodológicas de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • auditoria em termos de reflexividade; • exercícios de triangulação; • reconhecimento de suposições do pesquisador; • reconhecimento de deficiências/limitações dos métodos do estudo e seus potenciais efeitos; • entendimento mútuo durante discussões de verificação pelos membros; • tempo prolongado no local; • triangulação de dados; • Investigadores múltiplos • observação persistente; • verificação pelos membros; • busca de instâncias negativas para desafiar hipóteses emergentes; e • descrições ricas e detalhadas do contexto e da amostra.
Evidências de resultados de resiliência (LUTHAR; CICHETTI; BECKER, 2000; MASTEN, 2001; UNGAR, 2011).	
<p>O propósito da pesquisa é compreender os caminhos sistêmicos que permitem resultados positivos inesperados em contextos desafiadores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • investigando restrições, facilitadores e condições que promovem resultados 	<p>Pesquisas de qualidade indicadas por evidências de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Geração de evidências sobre conceituações êmicas de resultados positivos (educação, bem-estar, saúde, economia, meio ambiente);

Conceitualização de propósito de pesquisa	Indicador de critério
positivos inesperados (educação, bem-estar, desenvolvimento) apesar dos desafios.	<ul style="list-style-type: none">• uso de conceituações êmicas de resultados positivos como indicadores em medições.

Fonte: Elaborado por Liesel Ebersohn

Critério de pesquisa transformadora e emancipatória

O enquadramento TAPESTRe coloca em primeiro plano pesquisas transformadoras e emancipatórias (FREIRE, 2005), superando modificações superficiais ao abordar causas fundamentais da desigualdade e de injustiças sociais. Do ponto de vista da ciência da sustentabilidade (MARCHESE et al., 2018), não é suficiente gerar conhecimento sobre como simplesmente absorver a injustiça ou se adaptar à distribuição desigual de oportunidades e recursos. É necessário pesquisar como promover uma transformação que nos afaste de privilégios e preconceitos institucionais, questionando estruturas de poder, normas e sistemas existentes que seguem promovendo marginalização e exclusão. Ao desafiar sistemas opressores, envolvendo comunidades marginalizadas e ampliando formas diversas de conhecimento, acadêmicos emancipadores visam contribuir para um ambiente de pesquisa mais inclusivo e justo (DENZIN, 2005; FREEDMAN, 2006; FREIRE, 1970).

Estratégias emancipatórias podem atuar como gatilho para a mudança, efetuando revoluções sociais, políticas e econômicas ao abordar desequilíbrios e disparidades de poder (DENZIN 2005; FREIRE, 1970). Perspectivas transformadoras trazem à tona mudanças profundas na sociedade ao endossar políticas inclusivas, defender a transformação social e cultivar a consciência crítica (FREIRE, 1970). Práticas emancipatórias envolvem ativismo de base, educação crítica e mobilização comunitária, estimulando indivíduos e comunidades para a transformação social (FREEDMAN, 2006).

Pesquisa emancipatórias e transformadoras estão alinhadas aos princípios da democracia do conhecimento – o uso tático do conhecimento para princípios e ações democráticas. A qualidade da pesquisa é avaliada em termos da medida em que as evidências excedem os limites da academia para aperfeiçoar a democracia e contribuir para um mundo mais justo e saudável. Pesquisadores emancipadores e transformadores disseminam evidências para as partes interessadas, traduzindo-as de modo acessível, como ilustrações visuais, narrativas e comunicação centrada na comunidade.

Justiça do agente

O enquadramento TAPESTRe clama por justiça do agente (SEN, 1999). O teste de evidências valiosas é a medida em que os caminhos de ação mobilizam capacidades existentes para permitir a transformação – em vez de privilegiar ações de envolvimento externo, usando recursos externos, para capacitar grupos supostamente impotentes que precisam de ajuda.

Historicamente, os espaços pós-coloniais e de economia emergente têm sido marginalizados devido aos efeitos duradouros do colonialismo e de disparidades sistêmicas (SABNIS; NEWMAN, 2022). As pautas de pesquisa sobre justiça social defendem justiça, igualdade e qualidade (TAKEUCHI et al., 2018). A pesquisa sobre justiça social visa a redistribuição de recursos e a representação para fornecer recursos e apoio específicos a grupos desfavorecidos ou marginalizados, considerando necessidades e situações distintas (ROBERTS; GREEN, 2013).

No entanto, a partir de uma perspectiva de justiça do agente na justiça social, as pautas de pesquisa respeitam que indivíduos e comunidades vivendo em espaços marginalizados tenham a liberdade de escolher como vão agir para usar os recursos disponíveis em seu próprio interesse (JERRARD, 2016). Segundo Sen (1999), a agência incorpora a capacidade dos indivíduos de agir e tomar decisões que moldem suas vidas e promovam seu bem-estar. Isso inclui a capacidade de agir e a liberdade de escolher entre várias alternativas.

Pesquisa participativa

O enquadramento TAPESTRe valoriza a pesquisa participativa (CHAMBERS, 2010), a qual questiona os sistemas de produção de conhecimento predominantes, incentiva a inclusão e dá voz a perspectivas marginalizadas (BERGOLD; THOMAS, 2012; BOUSSET; MACOMBE; TAVERNE, 2005; VAUGHN; JACQUEZ, 2020). As estratégias participativas vão além das metodologias tradicionais de pesquisa, visando permitir que as partes interessadas sistêmicas contestem as desigualdades de poder e modifiquem estruturas sociais, econômicas e políticas restritivas (FREEDMAN, 2006; BOOG, 2003; DENZIN, 2005).

A pesquisa participativa é baseada em estratégias de pesquisa que incluem intencionalmente aqueles a quem os benefícios ou ganhos da pesquisa são pretendidos (professores, alunos, famílias, membros da comunidade escolar, autoridades distritais, organizações sem fins lucrativos, organizações religiosas, empresas locais) na produção prática de conhecimento – moldando questões de pesquisa, codicidando metodologias e cointerpretando resultados.

O objetivo é solicitar ativamente pontos de vista, percepções e conhecimentos relevantes para garantir que a pesquisa ofereça oportunidades de descobrir visões de mundo alternativas, espelhando suas circunstâncias, linguagem e prioridades singulares (GALPERIN et al., 2022; GIVEN, 2008; MAZONDE; CARMICHAEL, 2020). O envolvimento com usuários finais promove um esforço coletivo para cocriar entendimento e elaborar soluções adaptadas às necessidades sociais, culturais e situacionais específicas da comunidade pretendida (BOUSSET et al., 2005). Essa estratégia inclusiva leva a entendimentos mais completos e nuançados de questões sociais complexas e perspectivas variadas sobre mecanismos relevantes de, por exemplo, mudança, orgulho e propriedade em evidências geradas em conjunto e eficácia para implementar soluções em caminhos considerados para impacto (KRETZMANN; MCKNIGHT, 1993).

No cerne dessa parceria mútua está o objetivo de estreitar a lacuna entre teorias acadêmicas e experiências do mundo real, permitindo um processo de pesquisa mais democrático que enfatize a expertise e as experiências vividas de todos os participantes (VAUGHN; JACQUEZ, 2020). Abordagens participativas, impulsionadas pelo pluralismo, obrigam os pesquisadores a adotarem uma postura de “aprender com”, deixando de lado visões de mundo preconcebidas. Isso permite uma troca mútua, em que os participantes, como guardiões do entendimento local, são empoderados para compartilharem a profundidade de seus conhecimentos.

Pesquisa êmica e sensível ao lugar

O enquadramento TAPESTRé dá centralidade ao conhecimento de quem está inserido nos contextos pesquisados, em defesa do pluralismo: a inclusão de vários pontos de vista e sistemas de conhecimento em pesquisas e intervenções. A riqueza e a diversidade das experiências humanas são reconhecidas, e diferentes fontes de

conhecimento (sabedoria local, sistemas de conhecimento autóctones e conhecimento empírico) são deliberadamente incluídas na pesquisa (EBERSÖHN, 2019; MAZONDE; CARMICHAEL, 2020).

A sensibilidade ao “lugar” reconhece que indivíduos e grupos têm maneiras singulares de interpretar e compreender realidades pessoais, valores, crenças e cultura (GALPERIN et al., 2022; GIVEN, 2008), capturando padrões e relacionamentos intrincados, enraizados em experiências locais vividas que ressoam profundamente com a linguagem, a cultura e o contexto de uma região. Ao incluir a linguagem sociocultural efetiva e metafórica de um determinado lugar, a pesquisa se concentra em contextos específicos e experiências individuais, iluminando, assim, triunfos, lutas e encontros singulares das comunidades (ROBERTS; GREEN, 2013).

Enquanto a diversidade epistemológica envolve aceitar a existência de várias epistemologias e formas de compreensão, indo além das formas acadêmicas tradicionais de conhecimento, a justiça epistemológica ressalta a importância de envolver comunidades marginalizadas e ecoar suas experiências. Isso vai além do reconhecimento de pontos de vista diversos, endossando que o conhecimento não deriva exclusivamente de paradigmas convencionais do Norte Global. A diversidade epistemológica reconhece a legitimidade e o valor de sistemas de conhecimento alternativos, como os conhecimentos autóctones, que podem fornecer entendimentos e soluções valiosos para problemas complexos (XU, 2020). Acolher uma variedade de epistemologias permite que os pesquisadores aproveitem a riqueza de tradições culturais, visões de mundo e formas de compreensão frequentemente marginalizadas ou desconsideradas em pesquisas conduzidas a partir de perspectivas dominantes do Norte Global.

Espaço geopolítico

O enquadramento TAPESTRé reconhece que o espaço do país e da região (GAVENTA, 2006) de um estudo é importante para uma pesquisa de qualidade, na medida em que o espaço geopolítico denota desigualdade de poder e conhecimento – uma consequência de nuances do desenvolvimento global com histórias de colonialismo –, bem como desafios globais que exigem respostas coordenadas e baseadas em evidências de regiões mundiais interdependentes.

A hegemonia do conhecimento do Norte Global no repositório global de conhecimento marginalizou e excluiu historicamente o conhecimento do Sul Global, perpetuando desigualdades e o preconceito contra comunidades em espaços de marginalização (MAZONDE; CARMICHEAL, 2020; HLALELE, 2012). Como resultado das histórias pós-coloniais e da privação cultural ou política (DADOS; CONNELL, 2012; EBERSÖHN, 2014), os espaços de conhecimento marginalizados variam muito daqueles do Norte Global. A certeza de vivenciar um desafio global, e a conseqüente incerteza, informa as pautas globais de pesquisas – muitas vezes a partir de uma perspectiva da ciência da sustentabilidade (FIKSEL, 2006) – com uma esperança de transformação que afaste da desigualdade. Os esforços para a decolonização do conhecimento visam incorporar em conversas globais o conhecimento de áreas anteriormente desfavorecidas (GALPERIN et al., 2022).

O espaço geopolítico caracterizou o Sul Global, as nações BRICS e outros espaços pós-coloniais, de baixa e média renda e economias emergentes como “em desenvolvimento” rumo a um ideal roteirizado (do Norte Global) de ser desenvolvido e vivenciar uma vida boa. No entanto, independentemente do espaço geopolítico de um país, a ciência da sustentabilidade posiciona intencionalmente o conhecimento global-local (MILLER; et al., 2014) de forma central na geração de conhecimento, exigindo que pesquisadores “pensem globalmente e ajam localmente” (FUJITA; CLARK; FREITAS, 2013) – como no caso dos estudos de justiça climática. Pesquisadores globais e locais, portanto, deliberam sobre a maneira como as tendências geopolíticas marginalizam pesquisadores, pautas de pesquisa, práticas e recursos do Sul Global. As considerações incluem estudos que reconhecem e investigam recursos marginalizados (incluindo linguagem, cultura, valores, crenças e práticas) que podem ser mobilizados como mecanismos de transformação, estabelecendo pautas de pesquisa que gerem conhecimento “bom para” a história, futuras aspirações cívicas e práticas facilitadoras de um espaço pós-colonial, contemplando como os estudos de parceria globais garantem igualdade em tomadas de decisões de pesquisas, trabalhos de campo e disseminação.

Critérios de confiabilidade

O enquadramento TAPESTRe baseia-se em tradições de confiabilidade (CYPRESS, 2017; NOWELL, et al., 2017; SEAL, 1999; GUBA; LINCOLN, 1994; LONG; JOHNSON, 2000). Conforme argumentamos anteriormente, pesquisadores de espaços de conhecimento marginalizados geralmente favorecem pesquisas qualitativas e de pequena escala, devido à natureza das perguntas feitas, à necessidade de envolver perspectivas múltiplas e às restrições de financiamento. Consequentemente, há mérito em empregar um marco de pesquisa qualitativa existente (CYPRESS, 2017; NOWELL et al., 2017; SEAL, 1999; GUBA; LINCOLN, 1994; LONG; JOHNSON, 2000) para garantir o rigor da investigação. Os critérios de confiabilidade metodológica estão vinculados a outros, teóricos e metodológicos, do TAPESTRe para garantir que as constatações derivadas de um estudo tenham credibilidade, sejam confiáveis e transferíveis e tenham potencial de aplicabilidade e generalização mais amplas. Os cinco critérios de confiabilidade incluem confirmabilidade (o grau em que outros pesquisadores podem confirmar os resultados da pesquisa), autenticidade (o grau em que a pesquisa reflete com precisão os pontos de vista e experiências das partes interessadas locais), credibilidade (a medida em que a pesquisa é considerada confiável e segura por outros pesquisadores e partes interessadas externas), transferibilidade (se os resultados da pesquisa podem ser transferidos e aplicados em diferentes contextos) e confiabilidade (a consistência dos resultados da pesquisa ao longo do tempo (CRESWELL; CRESWELL, 2018; GUBA; LINCOLN, 1994; CYPRESS, 2017; NOWELL et al., 2017; LONG; JOHNSON, 2000)).

Evidências de resultados de resiliência

Em espaços com necessidades extremas de abordar a injustiça, o TAPESTRe tem os resultados de resiliência (THERON, 2020; BERGER et al., 2018; EBERSÖHN, 2014) como foco central de pesquisa. Em espaços marginalizados, é um luxo para a ciência focar exclusivamente na origem e na natureza da injustiça, bem como nos resultados negativos previstos para a educação, a saúde e o bem-estar nesse cenário. A urgência é investigar como resultados positivos e inesperados em educação, saúde e bem-estar são possíveis quando há recursos limitados e a necessidade de evidências para fundamentar mudanças é alta.

A resiliência é mais do que simplesmente uma característica inerente – e sim um processo observável nas respostas diárias dos indivíduos à adversidade (MASTEN, 2019). A resiliência envolve processos socioecológicos moldados pela interação entre indivíduos e seu ambiente circundante – incluindo família, comunidade, cultura e condições socioeconômicas mais amplas (UNGAR, 2011; MASTEN, 2019) para promover crescimento positivo e bem-estar em resposta a dificuldades (UNGAR, 2011). A resiliência transcende a mera recuperação da adversidade – ela implica caminhos facilitadores: reajuste e avanço, impulsionando pontos pessoais fortes, reservas e recursos de proteção sistêmicos dentro do ambiente (EBERSÖHN, 2012).

No enquadramento TAPESTRé, no que diz respeito à avaliação de pesquisas, a ênfase está em destacar caminhos que impulsionem resultados positivos que podem não ter sido antecipados, mas que surgiram a partir de percepções derivadas de perspectivas, valores, crenças e práticas internas de determinados contextos.

Debate

A pesquisa de qualidade reconhece diferenças geopolíticas que resultam do desenvolvimento desigual em diferentes regiões do mundo e afetam a viabilidade e a efetividade de políticas e práticas baseadas em evidências (EBERSÖHN, 2015). Traduzir e adaptar culturalmente estratégias existentes e medidas padronizadas para uso em lugares de marginalização pode não ser a abordagem preferida para obter evidências sobre como responder aos desafios locais e aproveitar ao máximo os recursos desses espaços. A premissa deste artigo é que o TAPESTRé fornece um marco para promover a prevalência de publicações sobre pesquisas educacionais de qualidade oriundas de espaços globais sub-representados, que podem ser usadas para informar o desenvolvimento de políticas. Argumentamos que o TAPESTRé pode ter utilidade para apoiar o desenvolvimento de políticas responsivas e responsáveis no Sul Global, nas nações BRICS ou em outros espaços pós-coloniais, de baixa e média renda e economias emergentes.

A proposta é que o uso do TAPESTRé pode incrementar a capacidade de pesquisa para relatar a alta qualidade de estudos oriundos de países marginalizados. É plausível que o TAPESTRé possa ser usado de forma semelhante para avaliar a qualidade de

pesquisas oriundas de espaços de conhecimento marginalizados para publicação. É possível que haja um aumento das publicações sobre pesquisas em educação de qualidade nesses espaços. Consequentemente, formuladores de políticas podem ter acesso a uma ocorrência mais ampla de evidências representativas de recursos e soluções relevantes para realidades contextuais e culturais específicas.

A ciência responsiva pode ser possível quando pesquisadores usam o TAPESTRé para informar o planejamento e relatórios de estudos ou candidaturas para financiamento. O TAPESTRé exigiria que pautas de pesquisa visassem impacto social para abordar injustiças tão prevalentes nos espaços dos BRICS e do Sul Global. Pesquisas orientadas pelo TAPESTRé teriam como objetivo resultados extraordinários de resiliência positiva e transformação para abordar injustiças tão prevalentes nos espaços dos BRICS e do Sul Global. Pesquisas de qualidade podem se concentrar em evidências para informar políticas relacionadas à nutrição de estudantes, ao fornecimento estável de energia para escolas e ao aumento da empregabilidade e capacidade empreendedora de alunos que concluem a formação escolar.

Da mesma forma, a ciência responsável pode ocorrer quando o TAPESTRé informa marcos de qualidade para pesquisa em espaços geopoliticamente marginalizados. As políticas podem se basear em estudos que aproveitem a riqueza de recursos disponíveis de conhecimento sociocultural êmico, de modo a acessar soluções relevantes e adequadas que funcionaram ao longo do tempo, para que os cidadãos tenham uma vida boa, apesar dos desafios incessantes. A implementação de políticas baseadas em evidências é aprimorada quando os usuários finais são vistos como agentes e bem-informados. Da mesma forma, a implementação de políticas também pode se beneficiar de pesquisas informadas pelo TAPESTRé que valorizam a participação sistêmica para apoiar a adesão e a propriedade de políticas baseadas em evidências.

Conclusão

Políticas e práticas educacionais dependem de evidências relevantes e confiáveis. No entanto, os sistemas educacionais no Sul Global, nas nações BRICS ou em outros espaços pós-coloniais, de baixa e média renda e de economia emergente geralmente carregam a marca do conhecimento e das práticas do Norte Global, resultando em maior

marginalização, especialmente de populações autóctones, bem como de sistemas de conhecimento e perspectivas locais (SAAVEDRA; PÉREZ, 2018). Pesquisas de qualidade em espaços de conhecimento marginalizados necessitam incluir evidências relevantes de qualidade: conhecimento local e intergeracional sobre como responder efetivamente ao desafio contextual de ruptura crônica – agravada pela desigualdade extrema e disparidade estrutural.

O enquadramento TAPESTRe fornece um marco complementar, que pode ser utilizado como ferramenta de avaliação de qualidade para planejar, relatar e avaliar relatórios sobre estudos em espaços de conhecimento sub-representados, como meio de equilibrar a base de evidências global desigual que informa políticas e práticas educacionais. O TAPESTRe se alinha a um movimento mundial em prol da realização de pesquisas que (i) abordem o poder da distorção de representações (VISVANATHAN, 1997) e (ii) tragam perspectivas marginalizadas nas pesquisas para o primeiro plano em termos de espaço, grupos de pessoas, visões de mundo, linguagem e perspectivas êmicas.

O TAPESTRe baseia-se no envolvimento em pesquisas educacionais na África Austral (EBERSÖHN, 2014, 2015, 2019; EBERSÖHN; OMIDIRE; MURPHY, 2022), culminando em um marco de qualidade complementar para estudos de espaços de conhecimento marginalizados. Ressoa como crítica à dependência excessiva em relação a filosofias centradas no Norte Global e a uma valorização arraigada da significância estatística como marca registrada da validade de pesquisas. Ao desafiar a justificação epistêmica monolítica enraizada em tradições pós-positivistas, o TAPESTRe endossa uma concepção mais ampla da valorização do pensamento. Assim como o TAPESTRe, essa crítica e a de Collins (2000) defendem a inclusão de vozes historicamente marginalizadas e reconhecem a importância de metodologias subjetivas, transparentes, situacionais e carregadas de valores. O enquadramento TAPESTRe contribui para esse apelo à conscientização e credibilidade do conhecimento produzido em colaboração com comunidades marginalizadas em termos de conhecimento.

O TAPESTRe é apresentado como um enquadramento para avaliar a qualidade dos relatórios de estudos, no entanto, também pode ser usado como forma (i) proximal de determinar a qualidade de um estudo e (ii) distal de estimar a qualidade de uma intervenção.

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPESTRé: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

Referências

BARRY, Margret.; CLARKE, Aleisha Mary.; DOWLING, Katherine. Promoting social and emotional well-being in schools. **Health Education**, v. 117, n. 5, p. 434-451, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/HE-11-2016-0057>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BEALS, Fiona.; KIDMAN, Joanna.; FUNAKI, Hine. Insider and outsider research: Negotiating self at the edge of the emic/etic divide. **Qualitative Inquiry**, v. 26, n. 6, p. 593-601, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/107780041984395>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BERGER, Rony; BENATOV, Joy; CAUDROS, Raphael; VAN NATTAN, Jacob; GELKOPF, Marc. Enhancing resiliency and promoting prosocial behavior among Tanzanian primary-school students: A school-based intervention. **Transcultural Psychiatry**, v. 55, n. 6, p. 821-845, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1363461518793749>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BERGOLD, Jarg; THOMAS, Stefan. Participatory research methods: A methodological approach in motion. **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, v. 37, n. 4, p. 191-222, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41756482> Acesso em: 2 jul. 2024.

BOUSSET, Jean-Paul; MACOMBE, Catherine; TAVERNE, Marie. Participatory methods, guidelines and good practice guidance to be applied throughout the project to enhance problem definition, co-learning, synthesis and dissemination. **SEAMLESS Report No. 10**, SEAMLESS integrated project, EU 6th Framework Programme, contract no. 010036-2, 2005. 248 p.

BRONFENBRENNER, Urie. **The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

CHAMBERS, Robert. **Whose reality counts**. London: Intermediate Technology Publications, v. 25, 1997.

CHAMBERS, Robert. Beyond "Whose reality counts?" New methods we now need?. **Studies in Cultures, Organizations and Societies**, v. 4, n. 2, p. 279-301, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10245289808523516>. Acesso em: 2 jul. 2024.

CHAMBERS, Robert. **Rural development: Putting the last first**. London: Routledge, 2014.

COCHRANE DATABASE OF SYSTEMATIC REVIEWS, n. 1, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/14651858.CD004676.pub2>. Acesso em: 2 jul. 2024.

COLLINS, James; KINZIG, Ann; GRIMM, Nancy; FAGAN, William; HOPE, Diane; WU, Jianguo, BORER, Elizabeth. A new urban ecology: modeling human communities as integral parts of ecosystems poses special problems for the development and testing of ecological theory. **American Scientist**, v. 88, n. 5, p. 416-425, 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27858089>. Acesso em: 2 jul. 2024.

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPESTRé: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

CYPRESS, Brigitte. Rigor or Reliability and Validity in Qualitative Research: Perspectives, Strategies, Reconceptualization, and Recommendations. **Dimensions of Critical Care Nursing**, v. 36, n. 4, p. 253-263, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/dcc.000000000000253>. Acesso em: 2 jul. 2024.

DADOS, Nour.; CONNELL, Raewyn. The Global South. **Contexts**, v. 11, n. 1, p. 12-13, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1536504212436479>. Acesso em: 2 jul. 2024.

DENZIN, Norman.; LINCOLN, Yvonna. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 3rd ed. Thousand Oaks: Sage, p. 1-32, 2005.

EBERSÖHN, Liesel. Teacher resilience: Theorizing resilience and poverty. **Teachers and Teaching**, v. 20, n. 5, p. 568-594, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13540602.2014.937960>. Acesso em: 2 jul. 2024.

EBERSÖHN, Liesle. Making sense of place in school-based intervention research. **Contemporary Educational Psychology**, v. 40, p. 121-130, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cedpsych.2014.10.004>. Acesso em: 2 jul. 2024.

EBERSÖHN, Liesel. **Flocking together**: An indigenous psychology theory of resilience in Southern *Africa*. New York: Springer, 2019.

EBERSÖHN, Liesel; OMIDIRE, Funke; MURPHY, P. Karen. Academic flocking and global distress: Equitable south-north research partnering to promote quality education in diverse contexts and cultures. **Zeitschrift für Erziehungswissenschaft**, v. 25, n. 3, p. 745-764, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11618-022-01084-1>. Acesso em: 2 jul. 2024.

EDDY-SPICER, David; EHREN, Melanie; BANGPAN, Makdarut; KHATWA, Meena; PERRONE, Frank. **Under what conditions do inspection, monitoring and assessment improve system efficiency, service delivery and learning outcomes for the poorest and most marginalised? A realist synthesis of school accountability in low- and middle-income countries**. London: Social Science Research Unit, UCL Institute of Education, University College London, 2016.

FIKSEL, Joseph. Sustainability and resilience: Toward a systems approach. **Sustainability: Science, Practice, and Policy**, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15487733.2006.11907980>. Acesso em: 2 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed**. New York: Herder & Herder, 1970. (Obra original publicada em 1968).

FUJITA, Kentaro; CLARK, Sheri; FREITAS, Antonio. Think globally, act locally. Construal levels and environmentally relevant decision making. In: VAN TRIP, H. C. M. (Ed.)

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPESTRé: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

Encouraging sustainable behaviour: Psychology and the environment. New York: Psychology Press, 2013.

GALPERIN, Bella; PUNNETT, Betty, Jane; FORD, David; LITUCHY, Terri. An emic-etic-emic research cycle for understanding context in under-researched countries.

International Journal of Cross Cultural Management, v. 22, n. 1, p. 7-35, 2022.

Disponível em: <https://doi.org/10.1177/14705958221075534>. Acesso em: 2 jul. 2024.

GAVENTA, John. Finding the spaces for change: A power analysis. **IDS Bulletin**, v. 37, n. 6, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1759-5436.2006.tb00320.x>. Acesso em: 2 jul. 2024.

HONG, Quan, Nha; FÀBREGUES, Sergi; BARTLETT, Gillian; BOARDMAN, Felicity; CARGO, Marget; DAGENAIS, Pierre; GAGNON, Marie-Pierre; GRIFFITHS, Frances; NICOLAU, Belinda; O'CATHAIN, Alicia; ROUSSEAU, Marie-Claude; VEDEL, Isabelle; PLUYE, Pierre. The Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT) version 2018 for information professionals and researchers. **Education for information**, v. 34, n. 4, p. 285-291, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3233/EFI-180221>. Acesso em: 2 jul. 2024.

JERRARD, Jane. What does “quality” look like for post-2015 education provision in low-income countries? An exploration of stakeholders’ perspectives of school benefits in village LEAP schools, rural Sindh, Pakistan. **International Journal of Educational Development**, v. 46, p. 82-93, 2016. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.ijedudev.2015.09.004>. Acesso em: 2 jul. 2024.

KARURI, Josephine; WAIGANJO, Peter; ORWA, Daniel; MANYA, Ayub. DHIS2: The tool to improve health data demand and use in Kenya. **Journal of Health Informatics in Developing Countries**, v. 8, n. 1, 2014. Disponível em:

<https://www.jhidc.org/index.php/jhidc/article/view/113>. Acesso em: 2 jul. 2024.

KIM, Young-Suk; LEE, Hansol; ZUILKOWSKI, Stephanie. Impact of literacy interventions on reading skills in low-and middle-income countries: A meta-analysis. **Child development**, v. 91, n. 2, p. 638-660, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1111/cdev.13204>. Acesso em: 2 jul. 2024.

KRISTJANSSON, Betsy; ROBINSON, Vivian; PETTICREW, Mark; MACDONALD, Barbara; KRASEVEC, Julia; JANZEN, Laura; GREENHALGH, Trish; WELLS, George; MACGOWAN, Jessie; FARMER, Anna; SHEA, Beverly; MAYHEW, Alain; TUGWELL, Peter. School feeding for improving the physical and psychosocial health of disadvantaged students. **Cochrane Database Syst Rev**. 2010.

LEVITT, Heidi. M; BAMBERG, Michael; CRESWELL, John; FROST, David; JOSSELSO, Ruthellen; SUÁREZ-OROZCO, Carola. Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA Publications and Communications Board task force report. **American Psychologist**, v. 73, n. 1, p. 26, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/amp0000151>. Acesso em: 2 jul. 2024.

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPESTRé: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

LONG, Tony; JOHNSON, Martin. Rigour, reliability and validity in qualitative research. **Clinical effectiveness in nursing**, v. 4, n. 1, p. 30-37, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1054/ce>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MAZONDE, Nomusa; CARMICHAEL, Teresa. The African context, cultural competence and emic aspects of qualitative research. **Journal of African Business**, v. 21, n. 4, p. 476-492, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15228916.2020.1785248>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LUTHAR, Suniya S.; CICCETTI, Dante; BECKER, Bronwyn. The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. **Child Development**, v. 71 n. 3, p. 543-562, 2000. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC1885202/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MASINO, Serena; NIÑO-ZARAZÚA, Miguel. What works to improve the quality of student learning in developing countries? **International Journal of Educational Development**, v.48, p. 53-65, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ijedudev.2015.11.012>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MASTEN, Ann. S. Ordinary magic: Resilience processes in development. **American Psychologist**, v. 56 n.3, 227, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.3.227>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MCKNIGHT, John; KRETZMANN, Jonh. Building communities from the inside out. **A path toward finding and mobilizing a community's assets**. Center for Urban Affairs and Policy Research, Northwestern University, 1993.

MILLER, Thaddeus R.; WIEK, Armin; SAREWITZ, Daniel; ROBINSON, Jonh; OLSSON, Lennart; KRIEBEL, David; LOORBACH, Dereck. The future of sustainability science: A solutions-oriented research agenda. **Sustainability Science**, 9, p. 239-246, 2014.

MULIMANI, Priti. Publication bias towards Western populations harms humanity. **Nature Human Behaviour**, 3(10), p. 1026-1027, 2019. Disponível em: <https://doi.org/oi:10.1038/s41562-019-0720-5>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MURPHY, Karen; OGATA, Tyler; SCHOUTE, Eric. "Valued" thinking in education: Liberating the narrative. **Educational Psychology Review**, 35(35), 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10648-023-09754-0>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MURUNGA, Violet Ibukayo; ORONJE, Rose Ndakala; BATES, Imelda Bates; TAGOE, Nadia; PULFORD, Justin. Review of published evidence on knowledge translation capacity, practice and support among researchers and research institutions in low- and middle-income countries. **Health Research Policy and Systems**, 18(1), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12961-019-0524-0>. Acesso em: 2 jul. 2024.

NOWELL, Lorelli; NORRIS, Jill; WHITE, Deborah; MOULES, Nancy. Thematic analysis: Striving to meet the trustworthiness criteria. **International Journal of Qualitative Methods**, 16(1), 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1609406917733847>

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPeSTRe: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

Acesso em: 2 jul. 2024.

PETROSINO, Anthony; MORGAN, Claire; FRONIUS, Trevor. A; TANNER-SMITH, Emily; BORUCH, Robert. Interventions in developing nations for improving primary and secondary school enrollment of children: A systematic review. **Campbell Systematic Reviews**, 8(1), i-192, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4073/csr.2012.19> Acesso em: 2 jul. 2024.

ROBERTS, Philip; GREEN, Bill. Researching rural places: On social justice and rural education. **Qualitative Inquiry**, 19(10), 765-774, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/10778004135037> Acesso em: 2 jul. 2024.

SABNIS, Sujay; NEWMAN, Daniel; Epistemological diversity, constructionism, and social justice research in school psychology. **School Psychology Review**, 52(5), 625-638, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/2372966X.2022.2094283> Acesso em: 2 jul. 2024.

SCHMAHMANN, Brenda. **The Keiskamma art project: Restoring hope and livelihoods**, 1st ed, Keiskamma Trust, 2016.

SCHUBOTZ, Dirck. **The history and nature of participatory research methods**. Sage, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/9781529799682> Acesso em: 2 jul. 2024.

SEALE, Clive **The quality of qualitative research**. Goldsmith's College, University of London, 1999.

SEN, Amartya. (1999). **Development as freedom**. Oxford University Press.

Birte Snilstveit, Jennifer Stevenson, Radhika Menon, Daniel Phillips, Emma Gallagher, Maisie Geleen, Hannah Jobse, Tanja Schmidt and Emmanuel Jimenez

SNILSTVEIT, Birte; STEVENSON, Jennifer; MENON, Radhika, PHILLIPS, Daniel; GALLAGHER, Emma; GELEEN, Maisie; JOBSE, Hannah; SCHMIDT, Tanja; JIMENEZ, Emmanuel. **The impact of education programmes on learning and school participation in low- and middle-income countries: A systematic review summary report, 3ie Systematic Review Summary**. London: International Initiative for Impact Evaluation (3ie), 2016. Disponível em: <https://www.3ieimpact.org/sites/default/files/2019-05/srs7-education-report.pdf> Acesso em: 2 jul. 2024.

TAKEUCHI, Miwa Aoki. Power and identity in immigrant parents' involvement in early years mathematics learning. **Educational Studies in Mathematics**, 97(1), 39-53, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10649-017-9781-4> Acesso em: 2 jul. 2024.

UNGAR, Michael. The social ecology of resilience: Addressing contextual and cultural ambiguity of a nascent construct. **The American Journal of Orthopsychiatry**, v. 81 n. 1, p. 1-17, 2011. Disponível em: 10.1111/j.1939-0025.2010.01067. Acesso em: 2 jul. 2024.

EBERSÖHN, Liesel; MURPHY, P. Karen; BASSON, Liz-Marié. O enquadramento TAPESTRé: equalizar uma base de conhecimentos global desigual para informar políticas e práticas educativas relevantes, responsáveis e reativas baseadas em evidências

VAUGHN, Lisa; JACQUEZ, Farrah. Participatory research methods–choice points in the research process. **Journal of Participatory Research Methods**, v. 1 n.1, 2020. Disponível em: <https://jprm.scholasticahq.com/article/13244-participatory-research-methods-choice-points-in-the-research-process> Accessed on: December, 2024.

WALSH, Sophie; CASSIDY, Megan; PRIEBE, Stefan. The Application of Positive Psychotherapy in Mental Health Care: A Systematic Review. **Journal of Clinical Psychology**, v. 73 n.6, p. 638-651, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jclp.22368> Acesso em: 2 jul. 2024.

XU, Tao; TOMOKAWA, Sachi; GREGORIO JUNIOR, Ernesto; MANNAVA, Priya; NAGAI, Mari; SOBEL, Howard. School-based interventions to promote adolescent health: A systematic review in low- and middle-income countries of WHO Western Pacific Region. **PLOS ONE**, v. 15 n. 3, e0230046, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0230046> Acesso em: 2 jul. 2024.

Recebido em Julho de 2024
Aprovado em Agosto de 2024
Publicado em Dezembro de 2024
